ISSN 2316-6576, DOI: 10.71101/RTP.v58.704

Objetos transcendentes e psicoterapia: dos fenômenos transicionais à cultura

Thiago Gomes Marques[*]

Resumo

Referências a figuras e objetos sagrados podem surgir em narrativas de pessoas atendidas em psicoterapia, especialmente por aquelas que pertençam a grupos ou instituições de cunho religioso. Essas referências, em geral, sugerem relações que ultrapassam a realidade imanente e fazem referência a algo transcendente. Neste artigo, é utilizada a expressão "objetos transcendentes" para indicar os objetos de referência que permeiam vivências e sentimentos e se fazem presentes em narrativas (e.g. talismãs, Deus, Demônio e outras entidades associadas ao sagrado). Visando uma compreensão oriunda do contexto clínico, é apresentada uma análise fundamentada na teoria de Donald Woods Winnicott, destacando a relação entre os objetos transcendentes e os objetos e fenômenos transicionais. Com isto, é esperado que estes aportes teóricos auxiliem na formação, no manejo clínico, nas práticas profissionais e para com pesquisas que se deparem com elementos do universo tido como "sagrado".

Palavras-chave: Objetos transcendentes; Fenômenos transicionais; Religião; Cultura; Winnicott.

Transcendent objects and psychotherapy: from transitional phenomena to culture

Abstract

References to sacred figures and objects may emerge in the narratives of individuals undergoing psychotherapy, especially among those who belong to religious groups or institutions. Such references suggest relationships that go beyond immanent reality and point to something transcendent. In this article, the expression "transcendent objects" is used to designate the referential objects that permeate experiences and feelings and are present in narratives (e.g.,

[*] Psicólogo clínico e mestre em ciências. Atualmente é docente e supervisor clínico no curso de Psicologia da UniAnchieta.

talismans, God, the Devil, and other entities associated with the sacred). Aiming at an understanding grounded in the clinical context, the article presents an analysis based on Donald Woods Winnicott's theory, highlighting the relationship between transcendent objects and transitional objects and phenomena. In doing so, it is expected that these theoretical contributions may contribute to professional training, clinical work, and future research involving phenomena related to the realm of the sacred.

Keywords: Transcendent Objects; Transitional Phenomena; Religion; Culture; Winnicott.

Objetos trascendentes y psicoterapia: de los fenómenos transicionales a la cultura

Resumen

Las referencias a figuras y objetos sagrados pueden emerger en las narrativas de personas que se encuentran en psicoterapia, especialmente entre aquellas que pertenecen a grupos o instituciones religiosas. Tales referencias generalmente sugieren relaciones que van más allá de la realidad inmanente y remiten a algo trascendente. En este artículo, se utiliza la expresión "objetos trascendentes" para designar los objetos referenciales que permeabilizan las experiencias y los sentimientos y que están presentes en las narrativas (por ejemplo, talismanes, Dios, el Diablo y otras entidades asociadas con lo sagrado). Con el propósito de ofrecer una comprensión fundamentada en el contexto clínico, el artículo presenta un análisis basado en la teoría de Donald Woods Winnicott, destacando la relación entre los objetos trascendentes y los objetos y fenómenos transicionales. De este modo, se espera que estos aportes teóricos contribuyan a la formación profesional, al trabajo clínico y a futuras investigaciones que involucren fenómenos relacionados con el ámbito de lo sagrado.

Palabras clave: Objetos trascendentes; Fenómenos transicionales; Religión; Cultura; Winnicott.

Introdução

Referências a elementos "sagrados" e à Religião podem ocorrer ao longo de atendimentos em psicoterapia. Tais elementos, a princípio, parecem se originar de experiências pessoais e do processo de educação ocorridos em espaços religiosos, além de estarem presentes arcabouço cultural. Observando a presença e o uso dessas representações nas narrativas dos atendidos, surge a necessidade de identificar e analisar estas referências

de modo que significados e sentidos relativos à subjetividade auxiliem na compreensão e manejo dos casos. A partir desta contextualização inicial, o presente trabalho visa demonstrar que os chamados "objetos transcendentes" podem ser compreendidos, em Winnicott, como derivações da transicionalidade no interior da cultura.

Algumas distinções preliminares a respeito das expressões "representações sagradas" e "objetos transcendentes" são necessárias. É comum que as representações sagradas remetam a elementos do universo religioso, sendo que, no ocidente, "Deus" é um termo frequentemente utilizado para indicar algo transcendente (Paiva et al., 2009). Outros termos também podem ser mencionados, tais como "anjos", "demônios", "guias" e "guardiões", os quais fazem referência a uma realidade representacional. Conforme foi apontado por Paloutzian (2017), podem-se incluir, nesse conjunto, outras denominações que apontem para algo de valor sagrado a alguém, mesmo que não originado do universo religioso. Além disso, as representações sagradas são destinatárias de orações, louvores, súplicas e costumam integrar e orientar as práticas comunitárias em espaços e períodos tidos como "sagrados" (Eliade, 1996).

Entretanto, uma representação sagrada não necessariamente possuirá um sentido "sagrado" de modo universal. Uma palavra ou expressão que faz referência a algo sagrado para uma pessoa ou grupo, poderá ter um sentido totalmente profano ou secular em um outro contexto. Tendo em vista essa complexidade, será utilizada a expressão "objetos transcendentes" para indicar representações que podem alcançar um sentido de "sagrado" conforme as valorações individuais ou comunitárias, mesmo que tal valor não seja atribuído por outro. Ademais, os objetos transcendentes podem ser identificados em contextos religiosos ou em outros contextos, como na psicoterapia, quando os sujeitos atribuem um sentido subjetivo de valor sagrado para além dos atributos imanentes identificáveis objetivamente. Dessa forma, por objetos transcendentes indicam a atribuição de um valor sagrado a objetos, lugares, tempo, pessoas e a figuras históricas, associado a um sentido que escapa a realidade imanente (Marques, 2019).

Dito isto, este artigo apresentará o resultado de análise teórica da obra de Donald Woods Winnicott (1896-1971) visando encontrar e demonstrar os aportes teóricos sobre o desenvolvimento dos objetos transcendentes.

Nesta empreitada, também foram identificados elementos que podem auxiliar a prática psicoterapêutica por meio de uma compreensão sobre a "religião" como um elemento pertencente a um vasto acervo mantido e enriquecido pelas experiências de sucessivas gerações, o que se pode compreender pelo termo "Cultura". O método utilizado consistiu em uma análise hermenêutica de textos em que Winnicott mencionou termos como "religião", "Deus" e outros identificados como objetos transcendentes e, no percurso, foram consideradas estas menções em função do texto do corpus textual em si e em diálogo o ponto do desenvolvimento da obra do autor. Com isso, espera-se que este trabalho possa auxiliar na formação acadêmica, no manejo e em práticas de psicoterapeutas, em pesquisas e proporcione aportes teóricos para interessados na Psicanálise e no estudo a respeito do sagrado, do transcendente e da religião.

Winnicott, o simbólico, os objetos transcendentes e a Religião

Dentre as teorias psicanalíticas contemporâneas, a obra de Winnicott tem sido apontada como uma referência alternativa por colocar uma compreensão mais relacional da religião e do comportamento religioso, assim como da religiosidade e da espiritualidade (Aletti, 2004; Paiva, 2013; Safra, 1998). Na teoria winnicottiana, há uma fundamentação que não reduz a religião a mecanismos de defesa, apesar de considerá-los importantes, e que também não concebe este fenômeno como um processo de sublimação da sexualidade (Aletti, 2004; Paiva, 2013).

Na perspectiva de Winnicott, os cuidados ambientais proporcionados são fundamentais para o processo de desenvolvimento psicoemocional ao longo da vida. A importância do brincar, o conceito de "espaço potencial", os fenômenos transicionais e à introdução da noção de "ser" na psicanálise (Fulgencio, 2017, 2018) também podem ser destacados. Dentre os trabalhos da teoria winnicottiana que fornecem subsídio para a análise de suas considerações a respeito dos objetos transcendentes e da religião, os textos *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais* (Winnicott, 2019d), *O Destino do Objeto Transicional* (Winnicott, 1994a) e *A Localização da Experiência Cultural* (Winnicott, 2019a) são norteadores.

Ao longo do desenvolvimento da obra de Winnicott, há uma relativa frequência do uso do termo religião ou outros a ele relacionados que, junto com a arte e outras formas de transcendência pessoal, costuma ser alocada na dimensão do que ele considera como "Cultura". Em *Nota sobre Normalidade e Ansiedade* (Winnicott, 2000a) é dito que a psicanálise já havia afirmado a relação entre os primeiros anos de vida para a formação da arte, do folclore e da religião. Nesse texto de 1931, antes mesmo de sua qualificação como analista na Sociedade Britânica de Psicanálise, é observado interesse pessoal de Winnicott pela religião e por temas semelhantes, o que se manteve ao longo de toda a sua vida e obra. Nessa época, Winnicott partilhava do entendimento freudiano de que a representação de "Deus" seria um produto da dinâmica depressiva, algo que reaparece em afirmações posteriores de que os fenômenos transicionais surgem à medida que o processo de desilusão passa a se estabelecer (Marques, 2019).

No texto *A Observação de Bebês numa Situação Padronizada* (Winnicott, 2000b), há uma referência direta à dinâmica proposta por Freud em *Totem e Tabu* (Freud, 2012) para a criação da representação de Deus e de outras entidades pertencentes ao universo religioso. No referido trabalho, Winnicott menciona a alegoria da horda primeva elaborada por Freud, porém, enquanto a elaboração freudiana enfatizou o papel da figura paterna por meio do mito do assassinato do pai primevo, o foco é dado à importância da figura materna ao longo dos processos de incorporação, retenção e dispensa desta figura nos estágios iniciais do desenvolvimento infantil (Marques & Fulgencio, 2022). Com essa mudança de foco, apesar de haver uma influência freudiana, a ênfase winnicottiana é dada às primeiras relações com o ambiente e com a figura proporcionadora de cuidados.

Em *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais* (Winnicott, 2019d), foi apresentado o espaço transicional, aquilo que Winnicott chamou de uma "terceira área da experiência". Segundo Winnicott, este espaço é constituído de experiências intermediárias, as quais não são percebidas como totalmente subjetivas, nem objetivas. Neste espaço, a ilusão é o substrato para as experiências que auxiliam o infante a sair do estágio da Dependência Absoluta e adentrar no da Dependência Relativa. A expansão do espaço transicional, posteriormente, foi associada à dimensão cultural.

No espaço transicional, ocorre uma dinâmica que, segundo Winnicott (2019d), se caracteriza pelo fato de o bebê começar a manusear objetos, ou partes deles, que são encontrados no ambiente e que passam a ser investidos afetivamente. Esses fenômenos evitam a exposição do bebê a angústias demasiadas e participam do desenvolvimento de relacionamentos com objetos NÃO-EU (Fulgencio, 2017), auxiliando no desenvolvimento de relações com menor teor do controle onipotente. Além disso, esses objetos recebem cuidados especiais por parte dos cuidadores e são mantidos ao alcance dos pais de modo a serem utilizados pelos bebês em situações de sofrimento ou de necessidade de tolerância.

De modo geral, os objetos transicionais (e.g., ursinho, travesseiro, brinquedos) e os fenômenos transicionais (e. g., o balbuciar), costumam ser objeto de análise a respeito de como se dá a passagem do estágio de Dependência Absoluta para o da Dependência Relativa (Dias, 2012). Winnicott (2019b) assinalou que esses objetos possuem valor de continuidade de Ser para o bebê, uma vez que o auxiliam a lidar com o ambiente no processo de ilusão-desilusão e a passar pelo processo de desenvolvimento psicoemocional. Esse auxílio ocorre porque o uso destes objetos possibilita que a pessoa que lhe oferece cuidados continue "viva" no psiquismo, até que seu retorno concreto ocorra, ou seja, possibilitam a manutenção do senso de continuidade.

Aqui vale uma indagação norteadora: qual a relação entre os fenômenos e objetos transicionais para a constituição de objetos transcendentes? Uma primeira resposta é o fato de que tais objetos não são apenas "entretenimento" para o bebê. Esta afirmação é teoricamente possível porque o espaço transicional surge no final da fase de Dependência Absoluta, se mantém e ganha complexidade ao longo das fases seguintes. Entretanto, antes de seu estabelecimento, um período de constante introjeção de elementos do ambiente externo marca o desenvolvimento do bebê. As introjeções, na perspectiva winnicottiana, não colocam o bebê tal como uma "tábula rasa" que simplesmente assimila elementos do ambiente, mas faz referência a um processo em que o bebê pode contar com o ambiente para receber os cuidados e afetos que se somam ao conjunto mnêmico, e servem de material para a constituição do *self* conforme as conquistas seguintes são alcançadas (Fulgencio, 2014).

Ainda na fase de Dependência Relativa e, uma vez que os espaço transicional se estabeleceu, o bebê passa a poder projetar nos objetos externos elementos de sua realidade psíquica. A manifestação dos fenômenos transicionais já indica uma percepção da existência de uma realidade que escapa ao controle onipotente do bebê e, neste sentido, a transicionalidade já indica a existência de uma sobreposição de elementos da realidade subjetiva com elementos da realidade objetiva. Isso ocorre porque tais projeções encontram nos objetos externos uma materialidade necessária e capaz de auxiliar a tolerar a ausência ou o tempo de atendimento de suas necessidades por meio da fantasia e de uma forma de brincar (Winnicott, 2019b), o que é nomeado como a "capacidade de simbolizar". Fulgencio (2011) esclarece que, para Winnicott, a condição simbólica do objeto transicional é mantida enquanto o objeto real (mãe ou cuidador substituto) estiver presente física ou mentalmente para o bebê.

Neste sentido, o objeto transicional remete a uma figura para com quem há um afeto. Tal afirmação se deve às observações que levaram Winnicott (2019d) a compreender e a afirmar que os primeiros anos de vida desenvolvem padrões que se estabelecem ao longo da infância e seguem participando da vida adulta. Dentre estes padrões, em momentos de solidão e quando sensações de depressão assolam a criança, o uso de objetos físicos e de ações (como o balbuciar e movimentos ritmados) possibilita que a figura de cuidado esteja ausente do contato direto, mas se mantenha acessível à dimensão subjetiva. Tal dinâmica, por conseguinte, pode ocorrer ao longo da vida quando os mesmos objetos e ações são utilizados para manter algum grau de organização e enfrentamento em situações difíceis.

Este processo por si só é relevante para o desenvolvimento do bebê, mas, para o tema em foco, é a capacidade de simbolizar e de utilizar elementos presentes na realidade objetiva no processo projetivo que subsidia o desenvolvimento de objetos transcendentes. Isto porque os objetos concretos e as abstrações são passíveis de receber projeções e adquirir outros sentidos, inclusive aqueles de valor sagrado.

Avançando para outros elementos teóricos. O objeto transicional não se restringe aos primeiros anos de vida ou a situações de regressão, mas participa de um contínuo processo de integrações e aquisições, ampliando-se e se tornando mais complexo. Segundo Winnicott, a

ampliação do espaço transicional é a própria cultura, o que inclui diversas atividades relativas à vida adulta, inclusive o sentimento religioso:

> [...] Com isso quero dizer que, em condições saudáveis, o objeto transicional não "vai para dentro" nem o sentimento em relação a esse objeto é necessariamente reprimido. Ele não é esquecido, mas sua ausência também não é lamentada. O objeto perde sentido, já que os fenômenos transicionais se tornam difusos, ficam espalhados por todo o território intermediário entre a "realidade psíquica interna" e "o mundo externo conforme percebido por duas pessoas em comum", ou seja, ficam espalhados por todo o campo cultural.
>
> Nesse ponto, o tema do meu estudo se amplia e passa a incluir o jogo, a capacidade de criação e apreciação artística, o sentimento religioso, o sonho, mas também o fetichismo, a mentira e o roubo, a origem e a perda do sentimento afetuoso, a dependência química, o talismã dos rituais obsessivos etc. (Winnicott, 2019d, p. 20)

Partindo disso, os objetos transicionais e, posteriormente, sua difusão para outras instâncias tem a Cultura como destino, bem como suas particularidades, como a arte, a ciência e a religião. Essa passagem não é ao acaso. Ao invés disso, a ampliação dos objetos transicionais para o universo cultural é apoiada na compreensão winnicottiana sobre o símbolo e o fato deste ser utilizado em larga escala nas expressões culturais.

Mais destalhes a respeito da noção de cultura serão retomados adiante, mas convém observar que Winnicott enfatiza aspectos de ordens diferentes: a atividade do brincar, a criatividade, a apreciação artística, o sentimento religioso e o sonhar estão postos em contraposição ao fetichismo, às adicções e ao talismã usado em rituais obsessivos. Sobre o primeiro grupo, há uma perspectiva mais positiva e saudável e a Cultura, segundo esta análise, é o destino a ser alcançado.

Em contrapartida, os elementos do segundo grupo possuem uma dimensão associada ao desenvolvimento não saudável. Quer por uma estagnação do processo de desenvolvimento ou por uma por uma profunda regressão, somente manter relacionamentos com partes dos objetos ou pessoas e não com a totalidade destes (por exemplo, gostar apenas das características boas de algo e não tolerar outras não apreciadas), desenvolver uma adicção (no sentido de uma impossibilidade de resistir ao uso e usar

sem haver um senso de suficiência e motivação clara, inviabilizando o enfrentamento de algo demasiadamente agressivo para o ego) e a ocorrência de sintomas obsessivos apontam para o aspecto psicopatológico.

Estes pontos podem servir de análise para os objetos transcendentes quando em dinâmicas análogas. Para exemplificar: uma relação com algo sagrado pode indicar uma dinâmica fetichista caso a relação se estabeleça partes do objeto, ao invés de uma relação com múltiplos aspectos do objeto em foco, ou; uma tentativa de contato exagerado ou o não questionamento sobre eventuais excessos na relação com o transcendente podem ser postos em paralelo à adicção, como nos casos de necessidades imperativas por vivências religiosas e em comportamentos caracterizáveis como um "fanatismo", e; quando ocorre a necessidade imperativa de agradar, cuidar e satisfazer o sagrado no intuito de obter seus benefícios ou de se evitar malefícios há uma dicotomia da figura sagrada, permitindo a hipótese de ocorrência de uma cisão em duas polaridades (como um anjo e um demônio) com os quais se estabelece uma ou outra relação. Estes apontamentos requerem uma análise crítica e não devem ser tomados com um juízo de valor, mas podem colaborar no processo analítico ao indicar hipóteses a serem confirmada ou não no processo e resultados da psicoterapia.

Vale lembrar que o objeto transicional tem sido discutido como associado à manutenção da noção de "continuidade do ser" (Fulgencio, 2017). Ao colocá-los em paralelo com a noção de objetos transcendentes, será prudente considerar que os últimos também podem participar da desta necessária manutenção. Entretanto, ao optar por esta proposta de análise, deve-se ponderar que o objeto transcendente se diferencia do objeto transicional por uma característica indispensável: enquanto o primeiro surge nos primeiros períodos de desenvolvimento e se estabelece pela relação dual mãe-bebê no processo de desilusão, o objeto transcendente dele deriva e se localiza em uma dimensão simbólica mais ampla, a cultura.

Seguindo o curso de suas obras, em *A Localização da Experiência Cultural,* Winnicott (2019a), o tema do espaço transicional é retomado e relacionado com o brincar, destacando que a brincadeira é o que torna possível a capacidade para ter experiências culturais. Para Winnicott, as experiências culturais fornecem condições para a continuidade da

raça humana e isso transcende a existência pessoal. Adverte, também, que um bebê com oportunidades de explorar um mundo que pôde ser descoberto por ele terá chances de viver criativamente, ao passo que um bebê que não tenha tais oportunidades poderá se tornar empobrecido em sua capacidade de brincar ou de ter experiências culturais. No referido trabalho, Winnicott retoma a dinâmica dos fenômenos transicionais com o desenvolvimento da capacidade simbólica, frisando que o simbolismo só pode ser corretamente estudado a partir do processo de desenvolvimento individual e considerando a variedade de significados derivados de forma particular e singular. Adicionalmente, é válido pontuar que os objetos e fenômenos transicionais possuem um valor que pode ser visto como sagrado para o indivíduo desde muito cedo, uma vez que estes são elementos constituintes no processo de reconhecimento da realidade e enfrentamento de angústias.

Não é possível, ao menos tomando a obra de Winnicott isoladamente, dizer que os objetos transicionais são o mesmo que os objetos transcendentes, mas podemos transpor a compreensão de Winnicott na busca de auxílio a respeito de como os objetos transcendentes surgem. Recapitulando, do ponto de vista do bebê, a transicionalidade mantém uma noção de continuidade do ser à medida que se estabelece uma relação com o mundo externo e sua imprevisibilidade. Um segundo ponto, é o de que o desenvolvimento da capacidade de simbolizar pode ocorrer à medida que ocorrem projeções pessoais sobre objetos presentes na realidade externa e novas elaborações na realidade psíquica do indivíduo também se formam. Já o terceiro ponto é o fato de que, estando capaz de lidar com em algum grau com uma realidade NÃO-EU e podendo utilizar-se de objetos imbuídos de significado pessoal, a criança se torna capaz de brincar e, principalmente, brincar de modo compartilhado.

Considerando a sequência acima, na brincadeira compartilhada, a transicionalidade individual possibilita o enriquecimento do mundo interno com novas possibilidades de elaboração, os quais, até então, não estavam sendo elaborados somente pela dinâmica do brincar isolado ou solitário. A título de exemplo, da brincadeira do "Faz de conta" ou dos contos de fadas, pode-se questionar: "O que a criança elabora de si à medida que introjeta novos aspectos até então desconhecidos ou acessa as

elaborações provenientes de outras crianças, adultos e da cultura?". Para esta questão, as respostas são inúmeras e amplas, mas retomemos um outro trabalho de Winnicott.

Entre *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais* (Winnicott, 2019d) e *A localização da experiência Cultural* (Winnicott, 2019a), há um trabalho relevante para o tema em tela. Em *O Destino do Objeto Transicional* (Winnicott, 1994a), Winnicott afirma que o destino saudável para o objeto transicional é o seu direcionamento para a realidade objetiva.

> Com frequência, quando há um objeto transicional nítido que data dos primeiros tempos ele persiste, embora, na realidade, a criança esteja mais empregada em utilizar os objetos seguintes e menos importantes; talvez em épocas de grande aflição, tristeza ou privação haja um retorno ao original ou ao polegar ou a uma perda completa da capacidade de utilizar símbolos e substitutos. (Winnicott, 1994a, p. 46)

A seguir:

> A passagem do Objeto Transicional
> Há duas abordagens para este assunto:
> A. Os velhos soldados nunca morrem; apenas se desvanecem. O objeto transicional tende a ser relegado ao limbo das coisas semiesquecidas, no fundo das gavetas da cômoda ou na parte de trás do armário de brinquedos. [...] Dessa maneira, o objeto transicional pode ser:
> I. Suplantado, mas mantido;
> II. Gasto;
> III. Dado a outrem (não satisfatório);
> IV. Guardado pela mãe, como relíquia de um tempo precioso na vida dela (identificação);
> IV. Etc.
> Isto se refere ao destino do objeto em si.
> B. Chego agora a um ponto principal que quero apresentar para debater [...]

Se for verdade que o objeto transicional e os fenômenos transicionais encontram-se na própria base do simbolismo, acho então que podemos com justiça reivindicar que esses fenômenos assinalam a origem, na vida psíquica do bebê e da criança, de uma espécie de terceira área da

existência, uma terceira área que acho que tem sido difícil de encaixar na teoria psicanalítica, que teve de ser erigida gradualmente, de acordo com o método pedra-por-pedra de uma ciência.

Esta terceira área poderia revelar ser a vida cultural do indivíduo. (Winnicott, 1994a, pp. 46-47)

Mais à frente:

> [...] um adulto pode sentir luto por alguém e, no decurso do luto, deixar de desfrutar interesses culturais, a recuperação do luto se faz acompanhar por um retorno de todos os interesses intermediários (inclusive as experiências religiosas) que enriquecem a vida do indivíduo na saúde.
> Desta maneira, sinto que os fenômenos transicionais não passam, pelo menos na saúde. Eles podem se tornar uma arte perdida, mas isto faz parte de uma doença no paciente, uma depressão, e algo equivalente à reação à privação na primeira infância, quando o objeto transicional e os fenômenos transicionais são temporariamente (ou às vezes, permanentemente) sem sentido ou inexistentes. (Winnicott, 1994a, pp. 46-48)

Relegado ao "limbo" e mantendo-se acessível em momentos de regressão e de sofrimento, é necessário que o objeto transicional possa ser retomado para que a saúde siga. Nesse caso, os fenômenos transicionais que outrora estavam limitados à transicionalidade entre o mundo subjetivo do bebê e da pessoa que lhe fornecia cuidados, podem se expandir e permitir um acesso ao "acervo" herdado de gerações anteriores e é acrescido com as próprias contribuições.

Ponto nodal, este acervo cultural é a própria Cultura e não se restringe ao aspecto artístico comumente associado como "cultural". Nela, constam atividades, instrumentos, mitos, obras artísticas e arquitetônicas, ciência, filosofia, os sistemas religiosos, as representações sagradas, os objetos de uso cotidiano (materiais ou não), dentre outros. Possivelmente, a manutenção da *continuidade de Ser* pessoal proporcionada por um objeto transicional, se amplia na dimensão cultural para uma *continuidade de Ser Humano*, com sua história pessoal inserida na dimensão da própria história Humana permeada pelo acesso e uso do referido acervo.

A importância dos objetos transicionais aplicada ao desenvolvimento saudável e patológico mencionada é retomada por Winnicott em 1989, mas com alguns acréscimos. Segundo Winnicott (1994a), a permanência

fixada no objeto transicional ou o seu retorno para o mundo interno, são causadores ou indicadores de desenvolvimento psicopatológico. No primeiro caso, o objeto transicional se transforma em objeto fetiche e é um sinal de que o indivíduo encontra dificuldades em se relacionar com os objetos percebidos como pertencentes à realidade externa, incluindo a ambivalência e autonomia próprias dos objetos percebidos como NÃO-EU. Neste cenário, apesar de já haver uma percepção a respeito de algo NÃO-EU, o desenvolvimento encontra dificuldades de alcançar condições para o relacionamento e uso de objetos objetivamente percebidos (Winnicott, 1994b).

No segundo caso, o retorno do objeto transicional para o mundo interno constituiria um desenvolvimento rumo à psicose (Winnicott, 1994b). Quer por dificuldades inatas do indivíduo quer por problemas de *holding* ambiental, este retorno demonstra que o indivíduo deixou de investir no mundo objetivo ou está encontrando dificuldades em poder viver a transicionalidade. Neste cenário, as dificuldades ou o não investimento no mundo real implicam, consequentemente, na impossibilidade de acesso e uso da vida cultural enquanto uma realidade objetiva e compartilhada.

Considerando que o objeto transicional adquire esta condição por receber investimentos pessoais de continuidade e conseguir "guardar" afetos e aspectos simbólicos de valiosa importância para o indivíduo, a permanência do objeto em sua dimensão transicional em demasia implica em dinâmicas também delicadas. Se a expansão da transicionalidade para a dimensão cultural pode auxiliar a compreender aspectos dos objetos transcendentes, também a não passagem poderá levantar hipóteses a respeito da condição fetiche do objeto ou da psicose aplicados ao objeto transcendente.

No caso do objeto fetiche, poderíamos ter em mente aqueles em que apenas uma parte do objeto ou até um objeto que, apesar de completo, não consegue dar conta de manter viva uma imagem completa da figura original. Ao lidar apenas com uma parte do objeto, geralmente cindida entre boa ou má, apenas alguns afetos são elaborados, posto que alguns deles são projetados parcialmente no objeto e outros continuam inconscientes. Nessa direção, teríamos os casos em que o objeto transcendente apenas

faria alusão a algo introjetado no psiquismo do indivíduo sem, contudo, haver uma representação completa e, geralmente, acompanhada de objetos físicos de intenso valor afetivo ou de intenso sofrimento em caso de perda.

Já no caso da psicose, a não integração do indivíduo em um EU, associada à incapacidade de lidar com a realidade de modo objetivo e, a não passagem da relação de objeto para uso de um objeto reconhecido como algo externo e completo capaz de resistir à agressividade, intrínseca à condição humana, sem desaparecer ou retaliar o gesto de natural agressividade (Winnicott, 2019c). Neste contexto, o objeto transcendente com a polaridade "bem" e "mal" ou o antagonismo "Deus bondoso e amoroso" *versus* "Deus temível e vingativo" pode ser compreendido como em uma dinâmica projetiva e persecutória. Tal situação pode dar pistas para o entendimento de que, no fanatismo e na rivalidade/intolerância religiosa para com o transcendente "do outro", esteja indicando que não ocorrera uma integração pessoal capaz de lidar com algo externamente percebido na realidade objetiva.

Se esta análise puder se verificar em casos reais, como seriam os quadros mais próximos daquilo que Winnicott chama de saúde? A este respeito, precisaremos retomar *O Destino do Objeto Transicional* (Winnicott, 1994a) e Uso de um Objeto e o Relacionamento através de Identificações (Winnicott, 2019c). Para Winnicott, o indivíduo saudável se desenvolveu o suficiente a ponto de conseguir lidar com os objetos na realidade objetiva, sendo capaz de fazer projeções de seu mundo interno e introjeções de características destes objetos. Entretanto, diferentemente do modo de Relacionamento com (algo), no Uso de objetos há uma percepção de que aquilo com que o indivíduo interage possui uma existência em si mesmo e está fora do controle onipotente do sujeito. Nesse caso, caberá ao sujeito se relacionar com tais objetos de modo solidário, com responsabilidade recíproca e não com barganhas ou atos intempestivos. Assim, os objetos transcendentes participam de uma nova forma que, apesar de ser embasada nas anteriores, terá com o sujeito uma dinâmica mais independente e sinalizará que também o sujeito tem condições de interagir com objetos sem se misturar ou se degradar em demasia, quer com o sagrado quer com outros objetos de sua convivência cotidiana. Possivelmente, a intolerância religiosa esteja indicando uma fragilidade e ameaça aos objetos internos,

ao passo que a convivência tolerante com os outros, semelhante a um "brincar" de modo compartilhado indique que o mundo subjetivo não está sob ameaça de ataque nem de se desmoronar.

E a religião neste processo?

É possível identificar uma relação entre as propostas de Winnicott a respeito da transicionalidade com a religião, bem como com outras formas de transcendência presentes na cultura. Vale pontuar que a discussão sobre o termo "religião" é vasta e precisa ser diferenciada em suas dimensões institucional, pessoal, como fonte premissas dogmáticas e nas formas de religiosidade e espiritualidade, dentre outras facetas do campo de estudo em que o tema está inserido (Passos & Usarski, 2013). Para delimitar o tema, a religião, aqui, é tomada como um espaço de vivências e pelos usos pessoais e coletivos que são feitos dos elementos simbólicos.

Dito isso, a linha de base é a de que a vivência da transicionalidade, em suas expressões básicas presentes nos primeiros meses até as expressões simbólicas e criativas mais complexas, possibilita utilizar elementos de ordem material e representações abstratas de modo a compor uma realidade interna e interagir com a realidade externa no contexto amplo da cultura. Neste caso, a religião não estaria isolada das demais esferas culturais, mas inserida e participando de outras manifestações da cultura, sendo influenciada e influenciando a dinâmica simbólica individual e coletiva. Tal dinâmica é complexa e variável devido à constante criação de novas representações ou pelo retorno de antigas que, assim, são contextualizadas na contemporaneidade.

Aqui, é válido lembrar que as religiões muito se utilizam de símbolos e representações que dificilmente são restritas a um único grupo ou instituição. Ao contrário, os processos de síntese, de compartilhamento, de reutilização de simbologias variadas, dentre outros, que não ocorrem exclusivamente na dimensão institucional da religião, mas nela se refletem devido às dinâmicas pessoais e compartilhadas daqueles que compõem tais instituições. A título de exemplo, a representação de "Deus" é pessoal à medida que se utiliza de elementos da dinâmica subjetiva

atribuídos a objetos de ordem material ou abstrata presentes no universo cultural, compondo representações singulares. Mesmo que se utilize de uma nomenclatura idêntica àquela usada por outros, os significados são particulares. Assim, as representações pessoais do transcendente se constituem análogas a uma fusão entre os elementos subjetivos e aqueles oriundos a dimensão cultural em uma constante reformulação à medida que novos elementos são acrescidos pela vivência pessoal, apesar de algum grau de constância ao longo do tempo.

Também em *A localização da Experiência Cultural* (2019a), Winnicott faz uma comparação intrigante. Ao afirmar que um bebê curado poderá utilizar símbolos de união e até se beneficiar de separações, Winnicott abre a possibilidade para o entendimento que o indivíduo saudável, análogo ao bebê, é aquele que se torna capaz de utilizar as diversas manifestações de transicionalidade na esfera cultural, inclusive aquelas que aqui denominadas por objetos transcendentes e por religião. Em algum grau, as instituições religiosas desenvolvem seus sistemas religiosos e passam a ser identificadas como Religiões pela constante interação entre seus membros, tanto do momento presente, quanto aqueles pertencentes a gerações e momentos anteriores e, assim, aquilo que se vê como uma Religião traz consigo um processo dinâmico e historicamente construído pelo constante "brincar compartilhado" e pela expressão dos inúmeros mundos internos manifestados nos símbolos de seus membros.

Obviamente, esta compreensão não propõe uma apologia a favor da religião. O contrário, ela pode ser aplicada a outras formações componentes da cultura, posto que a filosofia, a política, a ciência e a arte, por exemplo, se desenvolvem ao longo do tempo pelo compartilhamento e dinâmica vigente entre seus membros. Desta forma, esta perspectiva está a favor da cultura, pois compreende que seus símbolos, incluindo os objetos transcendentes, são equivalentes a elos que mantém a noção de continuidade e de pertencimento em uma dimensão histórico-cultural. Tal como o subjetivo e o objetivo compõem o transicional, o objeto transcendente participa da dimensão transicional de seus integrantes, conjugada com a realidade cultural de um grupo humano localizado em um espaço e um tempo do percurso da humanidade.

Considerações finais

De modo geral, a perspectiva de Winnicott abre possibilidades amplas para o estudo do desenvolvimento dos objetos transcendentes e da religião. Sua formulação teórica e observações clínicas podem ser consideradas como uma perspectiva hermenêutica, pois trata o tema em uma perspectiva relacional e de desenvolvimento, sem abolir o transcendente nem fazendo um proselitismo deste.

O pensamento de Winnicott a respeito do que chamamos de "objetos transcendentes" possui diversas influências dos trabalhos freudianos, entretanto, há maior proximidade com os trabalhos publicados após 1930. Para Winnicott, os comportamentos religiosos ou de interação com objetos transcendentes são fenômenos que fazem parte de um conjunto maior que a própria religião: a cultura. Na perspectiva winnicottiana, a noção de continuidade de Ser e a ideia de pertencimento, por exemplo, englobam um universo maior que o das relações duais e alcançam uma perspectiva de integração cultural, incluindo o uso dos benefícios acumulados pela vida em sociedade. Apesar do ponto de partida possuir uma marca da teoria freudiana, há um avanço valioso para a análise e o entendimento de uma gama maior de representações dos objetos transcendentes e de formas de religiosidade e da religião.

Na teoria de Winnicott, há uma ênfase na importância fundamental da mãe e do ambiente para o processo de integração e desenvolvimento do indivíduo. Apesar da ênfase dada à mãe, podemos colocar como ponto central que a importância dada é à pessoa que cuida de forma adaptada o suficiente a ponto de auxiliar o processo de integração dos diversos aspectos do indivíduo. Em sua dimensão transicional e simbólica, as pessoas que fornecem cuidados podem servir como suporte nos primeiros anos de vida e nos momentos de regressão, tornando-se, assim, indispensáveis para o acesso e retomada do uso do símbolo e o consequente acesso ao mundo cultural.

A importância do ambiente e da transicionalidade na obra de Winnicott é complexa e abrange diversos aspectos do desenvolvimento humano. Na psicoterapia, ou na psicanálise fundamentadas na teoria winnicottiana, é recomendado avaliar o grau de dependência do indivíduo,

a capacidade de simbolizar, de se relacionar e de usar objetos em diversos outros contextos vivenciais, de modo a fornecer melhor análise a respeito da constituição e função transcendente, além da capacidade e qualidade do brincar para a análise da religião pessoal e da interação com outras religiões diferentes da qual há adesão pessoal.

Colocando em destaque a importância do ambiente para o desenvolvimento e retomada do desenvolvimento do indivíduo, o ambiente psicoterapêutico também constitui como um meio para o desenvolvimento do indivíduo e, nesta esteira, de seus objetos transcendentes com a respectiva função anteriormente discutida. Neste caso, é imprescindível que seja o próprio indivíduo a criar, recriar ou abandonar seus objetos, mas também que haja abertura para sua comunicação ou compartilhamento, uma vez que a psicoterapia é uma forma especializada do brincar compartilhado, ou seja, de vivência da transicionalidade.

Analisar os objetos transcendentes em sua função de continuidade do ser precisa ter em conta a interação com outras figuras e uma realidade mais ampla que aquela relacionada às imagos iniciais e aos cuidadores iniciais, sem exclui-las da própria análise. Ou seja, a análise precisará considerar as figuras iniciais, seus afetos e representações, bem como as representações e significados culturalmente construídos e expressados pelas representações sagradas.

A proposta aqui apresentada possui limites. Primeiro, Winnicott traz a relação de cuidado e o respectivo processo de desilusão como a base para a transicionalidade, o que coloca a necessidade de se pensar quem são os cuidadores possíveis, os que ocuparam este lugar, a ocorrência de ausência de figuras ocupando adequadamente este lugar e, ainda, a qualidade dos vínculos e vivências. Um segundo ponto é possibilidade de que vivências ao longo da vida possam retomar vivências anteriores, quer reelaborando-as ou sendo complicadores. Um terceiro ponto é o de que a teoria winnicottiana parte da vivência de um psicanalista historicamente colocado na cultura ocidental e europeia que, apesar de um contexto cultural diversificado e de situações difíceis (como as guerras e suas consequências), talvez encontre limites ou se torne inviável quando aplicada em outros contextos culturais. Por fim, e vale destacar, há a necessidade de estudos e publicações que utilizem casos individuais

e de grupos que não se originem especificamente no meio clínico ou psicanalítico, de modo que se possa indicar a viabilidade da compreensão sobre a transicionalidade e do brincar no processo de formação dos objetos transcendentes e da religião, respectivamente. Com isso, a apresentação de resultados possibilitará o desenvolvimento dos pontos nodais, a ampliação e a reformulação dos pressupostos teóricos.

Referências

Aletti, M. (2004). A figura da ilusão na literatura psicanalítica da religião. *Psicologia USP, 15*(3), 163–190.

Dias, E. O. (2012). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott* (2ª ed.). DWW Editorial.

Eliade, M. (1996). *O sagrado e o profano: A essência das religiões*. Martins Fontes.

Freud, S. (2012). Totem e tabu (P. C. de Souza, Trad.). In *Sigmund Freud: Obras completas* (1ª ed., Vol. 11, pp. 13–244). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913)

Fulgencio, L. (2011). A constituição do símbolo e o processo analítico para Winnicott. *Paidéia (Ribeirão Preto), 21*, 393–401.

Fulgencio, L. (2014). Aspectos diferenciais da noção de ego e de self na obra de Winnicott. *Estilos da Clínica, 19*(1), 183–198.

Fulgencio, L. (2017). *A psicanálise de Winnicott como uma teoria do desenvolvimento socioemocional do ser* [Tese de livre-docência, Universidade de São Paulo].

Fulgencio, L. (2018). Pode a psicanálise de Winnicott ser a realização de um projeto de psicologia científica de orientação fenomenológica? *Psicologia USP, 29*, 303–313.

Marques, T. G. (2019). *O desenvolvimento dos objetos transcendentes e da religião fundamentado nas obras de Freud e de Winnicott* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo].

Marques, T. G., & Fulgencio, L. (2022). O desenvolvimento dos objetos transcendentes e da religião fundamentado na teoria freudiana. *Psicologia em Estudo, 28*, 1–15. https://doi.org/10.4025/psicolestud.v28i0.53035

Paiva, G. J. (2013). Teorias contemporâneas da psicologia da religião. In J. D. Passos & F. Usarski (Eds.), *Compêndio de ciência da religião* (pp. 347–366). Paulinas; Paulus.

Paiva, G. J., Zangari, W., Verdade, M. M., Paula, J. R. M. de, Faria, D. G. R. de, Gomes, D. M., Gomes, A. M. de A. (2009). Psicologia da religião no Brasil: A produção em periódicos e livros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 25*, 441–446.

Paloutzian, R. (2017). Psicologia da religião na perspectiva global: Lógica, abordagem e conceitos. In M. R. G. Esperandio & M. H. de Freitas (Eds.), *Psicologia da religião no Brasil: História, pesquisa e ensino* (pp. 25–44). Juruá.

Passos, J. D., & Usarski, F. (2013). *Compêndio de ciência da religião*. Paulinas; Paulus.

Safra, G. (1998). A vivência do sagrado e a constituição do self. *Temas em Psicologia, 6*, 147–151.

Winnicott, D. W. (1994a). O destino do objeto transicional. In *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 44–48). Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (1994b). O uso de um objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo. In *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 187–191). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989)

Winnicott, D. W. (2000a). Nota sobre normalidade e ansiedade. In *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (pp. 57–76). Imago. (Trabalho original publicado em 1931)

Winnicott, D. W. (2000b). A observação de bebês numa situação padronizada. In *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Imago. (Trabalho original publicado em 1941)

Winnicott, D. W. (2019a). A localização da experiência cultural (B. Longhi, Trad.). In *O brincar e a realidade* (pp. 154–166). Ubu. (Trabalho original publicado em 1967)

Winnicott, D. W. (2019b). *O brincar e a realidade* (B. Longhi, Trad.). Ubu. (Trabalho original publicado em 1971)

Winnicott, D. W. (2019c). O uso de um objeto e a relação por meio de identificações (B. Longhi, Trad.). In *O brincar e a realidade* (pp. 141–153). Ubu. (Trabalho original publicado em 1969)

Winnicott, D. W. (2019d). Objetos transicionais e fenômenos transicionais (B. Longhi, Trad.). In *O brincar e a realidade*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1951)

Submetido em: 21/09/2022
Revisado em: 21/06/2026
Aceito em: 22/06/2026